

A Guerra Velada (mas nem tanto) a partir de uma leitura crítica da Mídia ¹

Felipe Ferreira de Souza FULQUIM²
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

Resumo

Os dados sobre a violência no Brasil divulgados por órgãos oficiais de governos e ONG's que são veiculadas na imprensa brasileira tem chamado a atenção pelos números crescentes da violência no país. A temática violência e como ela é retratada nos veículos de comunicação de Goiás é o objeto de interesse deste artigo, considerando que os principais impressos do estado veiculam matérias com essa temática produzidas por repórteres, além de textos de agências de notícias nacionais e internacionais. Separamos uma amostragem com os três principais periódicos do Estado de Goiás para fazermos uma análise das palavras sinônimo de guerra que aparecem nas editoriais Cidades e Mundo com o objetivo de aferir a hipótese de que o estado brasileiro vive em uma guerra velada que é narrada na mídia de forma camuflada se comparada as notícias de países do exterior que vivem em um estado de guerra declarada, conforme as notícias produzidas pelas agências internacionais.

Palavras-chave: gêneros jornalísticos, jornalismo, violência, guerra, Brasil.

INTRODUÇÃO

O uso de uma palavra nem sempre traduz o seu significado. Há sentidos para além das palavras, há uma realidade e um sentimento de que nem sempre o que é dito é aquilo que parece acontecer no cotidiano de uma sociedade. Corriqueiramente ouvimos de modo popular que o Brasil é abençoado porque é um País sem guerra. Será?

Este estudo parte de uma inquietação sobre os frequentes problemas de segurança existentes no Brasil e os índices de violência que crescem vertiginosamente gerando uma sensação de insegurança e uma descrença de que o País é de fato um local tranquilo para se viver.

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Sócio nº4.106 da Intercom. Mestrando do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Goiás. Graduado em Fotografia & Imagem pela Faculdade Cambury (Goiânia-Goiás). Graduado em Jornalismo e pós-graduado em Docência Universitária pela Faculdade Araguaia (Goiânia-Goiás). Aluno integrante do Projeto de Pesquisa Rupturas Metodológicas para uma leitura crítica da Mídia entre os Programas de Pós-Graduação da UFG e UFRJ, que integra a ação transversal nº 06/2011 - Casadinho/Procad. E-mail: felipe.fulquim@gmail.com

Dados da Anistia Internacional no Brasil, entidade presente em mais de 150 países que luta pelos direitos humanos ao redor do mundo, divulgados no ano passado em seu site oficial mostraram que no ano de 2012, cerca de 56 mil pessoas foram assassinadas no Brasil. Em 2014 o site do canal por assinatura Globo News divulgou dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) que mostraram que de cada 100 assassinatos no mundo, 13 aconteceram no Brasil. A matéria afirmou que o país liderou o ranking mundial de homicídio no mundo em 2012, de um total de 475 milhões no mundo.

A Anistia Internacional promove no ano de 2015 em seu portal uma campanha denominada ‘Jovem Negro Vivo’. A iniciativa, que propõe a coleta de assinaturas via web para um manifesto, é proposta pela entidade considerando que 77%, ou seja, 30 mil dos 50 mil assassinatos registrados no Brasil em 2012, são de jovens negros com idade entre 15 e 29 anos vitimados por armas de fogo.

Visto esses dados, é importante destacar a cidadania ou a falta dela, tendo em vista que, se a segurança é ponto constitutivo de existência de uma cidadania plena, até que ponto esse item assegura aos nascidos e moradores do Brasil a condição de cidadão, com direitos de viver tranquilamente sob a proteção do Estado?

A representação da segurança ou do estado de violência no Brasil pela mídia são pontos de reflexão neste trabalho que busca compreender se no discurso midiático está configurada uma guerra, com itens de armas, mortes, bombas e demais itens constitutivos daquilo que a própria mídia convencionou caracterizar como uma guerra real existente em outros Países em estado de guerra declarado.

Souza (2003), firmado nas ideias de Bordieu e Taylor, explica o processo afirmando que a sociedade moderna se singulariza pela produção de uma configuração, formada pelas ilusões do sentido imediato e cotidiano que produzem um "desconhecimento específico" dos atores acerca de suas próprias condições de vida.

Sodré afirma que “habitua-mos a entender as palavras [...] por muito pouco de seu amplo alcance semântico [...], mas a palavra guarda historicamente como reserva o sentido forte, simbólico, de afinamento ou garantia de uma posição (ética) de autonomia existencial”. (2012, p. 210). Na verdade, o signo é sempre menor e menos complexo do que aquilo que representa.

Enfim, esse estudo é guiado por uma inquietação do que a mídia apresenta como guerra, violência e segurança na construção da cidadania. O que é guerra, paz e violência no discurso midiático brasileiro a partir da mídia impressa.

1- Leitura crítica da mídia

Trata-se de um desafio teórico significativo, pois inclui uma avaliação histórico-contextual e sociocultural de um pensamento crítico sobre a mídia iniciado por Theodor Adorno e Max Horkheimer, pilares básicos dos estudos que deram origem ao que hoje denominamos de Teoria Crítica, por isso é importante identificar os elementos básicos deste pensamento a partir das condições históricas específicas nas quais eles foram produzidos, de forma a identificar diretrizes conceituais básicas ao pensamento crítico transformador.

A perspectiva adotada, portanto, é que a contradição, a argumentação discordante, é o elemento básico para um verdadeiro crescimento social, mas também o motor de um pensamento dinâmico. Neste ponto emerge também uma relação dialética na relação entre a teoria e a prática – questão sempre presente nos estudos sobre comunicação – uma vez que a primeira atua sobre a outra, em um processo de questionamentos e negação/reação/contradição.

O objeto de estudo é a representação da palavra Cidadania, ligada aos temas de violência e paz, veiculadas pelos meios de comunicação de massa. O que se define por cidadania na mídia nos dias atuais. A proposta de reinterpretação consiste na revisão teórica e metodológica do histórico processo de Leitura Crítica da Comunicação, desde sua implementação nos anos 1970.

Sobre este ponto é importante destacar a Leitura Crítica da Mídia, que, apesar de suas relações mais recentes com a pesquisa em Comunicação no Brasil, tem suas bases ligadas à hermenêutica e ao embasamento crítico desenvolvido pelos teóricos do que se convencionou chamar Escola de Frankfurt.

Entende-se também que essa releitura, bem como a investigação da produção científica na área da comunicação, contribui para a concepção de um método, de análise crítica da produção midiática nos dias atuais objetivamente voltados para os estudos da mídia em suas várias manifestações, a saber: as mídias hegemônicas e contra-hegemônicas, as produções elaboradas para/ou que tem origem em grupos sociais marginalizados ou comunidades identitárias a margens dos processos tradicionais de consumo dos produtos

mediáticos. Nesta proposta de pesquisa, portanto, o ponto de partida é o entendimento da crítica como possibilidade de redescobrir – o lançar um novo olhar – mais profundo, que permita desconstruir a realidade e a partir daí lance bases para propostas de transformação.

Dessa forma, parte-se de um processo de teorização do problema a partir do que a questão central apresenta como centro investigativo, com pesquisa de campo e pesquisas bibliográficas. Neste caso, a Mídia e a Cidadania são pontos de partida de uma interlocução que envolve a análise de discurso e a análise de conteúdo da mídia impressa e eletrônica para se pensar a questão central: “O que é cidadania no discurso midiático?”.

2- Cidadania, Cidade e Segurança

O conceito de cidadania remonta ao mundo Greco-romano. Para Temer, Tondato e Tuzzo (2012), o conceito possui dupla raiz, na vertente grega, está mais relacionada à questão social e na vertente romana, mais relacionada aos aspectos políticos.

A rua já foi um local de interação social para as crianças, os jovens, os idosos com suas cadeiras nas calçadas... e se esse ainda é um cenário existente no Brasil, ele é raro, não mais possível nos grandes centros, não mais possível para a maior parte dos cidadãos brasileiros para os quais as ruas se tornaram lugar de perigo, de conflitos, de insegurança, possível somente em determinados horários do dia, proibidos ao cair da noite, e não necessariamente seguro durante o dia. Era na rua que as crianças aprendiam a partilhar, a brincar a viver em sociedade Para Rodrigues (2013):

A rua era assim sobretudo experiência sensorial, formada por um coquetel de cheiros e de sons familiares, que contribuíam para a identificação e para o reconhecimento de lugares e de momentos familiares. Esta rua familiar e densa parece estar hoje moribunda, ao cabo de um imperceptível, mas acelerado processo de decadência e agonia. Em poucas décadas, foi-se tornando num território rarefeito, liso, parecendo mais resgate da experiência nômada do território [...] O processo de decadência da rua não é, no entanto, recente [...] A decadência da rua apenas se acelerou ao longo do último século. (RODRIGUES, 2013, 45)

Tuzzo Corroborar, afirmando que:

a cidade se modificou e diversos fatores, como a segurança, por exemplo, fizeram com que as pessoas se recolhessem para as salas de suas casas e a extensão de seus lares se consolidou na tela da TV. Dessa forma, a legitimidade creditada à mídia foi dada pela própria sociedade, ao transferir os diálogos das ruas para o monólogo da mídia. (TUZZO, 2014, 165).

“O cidadão deve ser o sujeito da história, da sua própria história e, com outros cidadãos, da história de sua comunidade, de sua cidade, de sua nação, de seu mundo”. (Temer, Tondato e Tuzzo, 2012, p. 52).

Jaime Pinsky afirma que:

Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranqüila. Exercer a cidadania plena é ter direitos civis, políticos e sociais, fruto de um longo processo histórico que levou a sociedade ocidental a conquistar parte desses direitos. (JAIME PINSKY, 2003, p. 32)

3- A resignificação da cidadania no discurso midiático

Em pesquisa realizada com a mídia impressa no período de 1º de abril de 2015 até o dia 15 de abril de 2015, foram analisados os significados utilizados para as palavras que tivessem relação com o ambiente de guerra, da mesma forma que habituou-se conceituar ícones de violência, como bombas, mortes e violência. Nessa pesquisa separamos da amostragem palavras que são sinônimos do termo guerra que aparecem na mídia.

Para isso foram pesquisados os três principais periódicos do Estado de Goiás, que são os jornais: *Daqui*, *O Popular* e *Diário da Manhã*. Na amostragem coletada demos ênfase às matérias jornalísticas do gênero informativo das editoriais de *Cidades e Mundo* para se estabelecer um paralelo das palavras que são sinônimos de guerra.

Consideramos a hipótese de que a editoria *Mundo* traz notícias de conflitos armados e guerras (militares e civis) declaradas entre países na Europa, África e Ásia. Já no caso do Brasil não há uma guerra (civil e militar) declarada, mas pontuamos que a realidade social mostrada nos jornais conotam a existente de uma guerra velada por meio de suas construções narrativas dos fatos do cotidiano.

Nos discursos midiáticos, que tratam de notícias do Brasil e em especial de Goiânia e Goiás, é comum encontrarmos sinônimos de guerra como: aterrorizar, balear, barbárie, homicídio, tiros, armas, ferimentos, sequestro, intervenção militar, assassinato, esfaqueamento, violência, chacina, execuções, tortura, bomba, entre outros.

No espaço dedicado as notícias internacionais, encontramos as palavras que representam o estado de guerra que podem ser reconhecidos na mídia local. São palavras como: mortos, bomba, tiroteio, detenções, tortura, sequestradores, crime, bombardeio, atiradores, massacre, roubo, violência, entre outras.

Dadas às devidas proporções dos conflitos que encontramos na realidade brasileira em detrimento dos existentes no exterior, encontramos elementos que são característicos nas duas realidades que estabelecem uma diferenciação clara das causas que os fomentam.

Podemos citar como exemplo a existência do Estado Islâmico e o Programa Nuclear Iraniano, que são realidades inexistentes no Brasil, que tem como problemas de segurança o tráfico nacional e internacional de drogas, as ondas de assassinatos e roubos seguidos de morte e crimes contra a vida com requintes de crueldade similares as torturas realizadas em zonas de guerra como as feitas pelo Estado Islâmico.

A mídia como reorganizadora de sentidos desempenha um papel fundamental sobre aquilo que a sociedade entende por guerra e paz, violência e tranquilidade.

A opção pela análise de discurso se pauta por sua característica de:

produzir enunciados teóricos, científicos, portanto lógicos acerca da realidade, a partir da sua observação subjetiva [...] ter ciência de alguma coisa significa, portanto, ser capaz de recortar no tempo e de separar no espaço a complexidade da realidade, tornando-a acessível por um discurso metódico. (TRIGO, 2011, p. 285)

Como categoria de método empírico, a análise de discurso pode ser descrita como:

Análise qualitativa, por vezes crítica, do discurso jornalístico, surja este como texto, imagens, sons, multimídia ou hipermídia. Englobaram-se nessa categoria metodológica, as análises semióticas e psicanalíticas do discurso jornalístico, a análise conversacional e a análise lingüística (títulos e notícias). (SOUZA, 2011, p. 314).

Sendo assim compreendemos que o Brasil vive um cenário social com acontecimentos de violência que tem grande similitude com os atos de guerra de países europeus, africanos e asiáticos. As palavras que são sinônimos de guerras encontradas nas narrativas dos periódicos baseadas nos acontecimentos locais e nacionais, comparadas as notícias publicadas originadas das agências de notícias atestam essa hipótese de que a mídia sustenta um discurso velado de que o Brasil vive em uma guerra. A palavra guerra não aparece nas notícias locais nacionais selecionadas, mas os sinônimos estão presentes no discurso.

4- Jornalismo e gêneros jornalísticos nos periódicos

Por termos uma pesquisa baseada na análise de periódicos faz-se importante trazermos alguns conceitos de jornalismo e dos gêneros jornalísticos presentes nestes periódicos para compreendermos melhor os elementos encontrados que se relacionam com nossa pergunta de artigo.

Segundo Temer (2014) o interesse por notícias novas é uma característica marcante na sociedade contemporânea. A autora pontua que “esse interesse, aliás, cresce quando o assunto é violência, guerra, histórias dramáticas ou engraçadas (ridículas), mas que permanece mesmo depois do acontecimento ter finalizado ou ter sido resolvido (Temer, p. 68)”. Essa afirmação tem forte conexão com as notícias que encontramos na nossa amostragem, que narram assassinatos e homicídios como, por exemplo, o da dona de um estabelecimento comercial que foi assassinada sendo queimada e baleada por uma concorrente, por que tinha uma incidência muito grande de clientes e por cozinhar melhor.

Esse e outros fatos ganharam as páginas chamadas policiais, devido seu reconhecimento social do jornalismo como atividade que se pauta pela informação ao público. Temer (2014) descreve a atividade jornalística pela busca da informação que é tratada, investigada e trabalhada esteticamente antes de sua divulgação. “[...] Neste processo o jornalismo tira a casualidade da informação, mas também passa a selecionar e formatar essa informação, e conseqüentemente passa também a interferir na pauta interpessoal que regula as conversas e debates nos espaços públicos e privados (Temer, p. 69)”.

Ao observarmos o teor das matérias publicadas nas edições selecionadas, muitas delas nas capas dos jornais pesquisados, observamos que a temática violência esteve presente todos os dias em notas e notícias. Temer (2014) afirma que além de regular o debate nos espaços sociais, o jornalismo estabelece novos parâmetros de realidade e representação que influenciam nas ações individuais e coletivas. “O jornalismo altera o olhar do receptor para o mundo: ao capturar e organizar (re-organizar) a realidade/representação que constitui o conteúdo do jornalismo, o jornalismo também atua sobre essa realidade, alterando-a (Temer, p. 71)”.

CONCLUSÃO

Nossa proposta de pesquisa nos permite inferir por meio da Leitura Crítica da Mídia que vivemos em um estado velado de guerra. Entre as notícias separadas na nossa amostragem não encontramos nenhuma vez a citação direta da palavra guerra, mas há inúmeros sinônimos de guerra nas construções textuais que narram os conflitos urbanos das cidades brasileiras. Podemos inferir também, a partir de uma comparação das palavras encontradas nas notícias das duas editorias pesquisadas, que há um paralelo claro de alguns acontecimentos em países que estão em guerra com a nossa realidade social.

As palavras já destacadas como: crime, tortura, assassinatos, feridos, mortos, entre outras palavras encontradas nas duas realidades sociais descritas pela mídia reforçam nossa hipótese de que estamos vivendo em uma guerra velada. Neste contexto podemos também inferir que o estado brasileiro não tem dado condições de segurança para seus nativos e moradores, o que configura uma negação de um dos direitos constituintes da cidadania.

Por fim, no que tange ao jornalismo e aos gêneros jornalísticos podemos observar uma regularidade no padrão de escrita das notícias, sejam as de agências ou as de produção própria dos jornais pesquisados, além da periodicidade e atualidade das edições destes periódicos. Como gênero jornalístico predominante encontramos o informativo, o que de algum modo limita outras possibilidades de diálogo como os textos do gênero opinativo, por exemplo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. Mitologias. São Paulo: Difel, 1985.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. Além dos meios e mensagens: Introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Brasília, Lei nº 4.717 de 29 de junho de 1965; 144º da Independência e 77º da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/14717.htm

CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

Brasil Anistia Internacional - Jovem Negro Vivo. [Consult. 2015-06-24]. Disponível na www. <URL: <https://anistia.org.br/campanhas/jovemnegrovivo/>>.

Brasil tem o maior número absoluto de homicídios do mundo, diz OMS. [Consult. 2015-06-24]. Disponível na www. <URL: <http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2014/12/brasil-tem-o-maior-numero-absoluto-de-homicidios-do-mundo-diz-oms.html>>.

Código de Hamurábi. In: Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. [Consult. 2013-11-13]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$codigo-de-hamurabi](http://www.infopedia.pt/$codigo-de-hamurabi)>.

CHEIDA, Marcel J. Cidadania, um mito no jornalismo. In: Mídia, cidadania, manifestações culturais e questões de gênero. PEREIRA, Ariane; TOMITA, Íris Yae; FERNANDES, Marcio e KURCHAIDT, Sonia (Orgs). Guarapuava: Unicentro, 2010.

FUNARI, Pedro Paulo. A cidadania entre os romanos. In: PINSKI, Jaime e PINSKI, Carla Bassanezi (Orgs.) História da Cidadania. São Paulo: Contexto. 2008.

KRECKEL, Reinhardt. Politische Soziologie der sozialen Ungleichheit. Frankfurt: Campus, 1992, pp. 67-106.

MARSHALL, Thomas Humphrey. Cidadania e classe social. In: _____. Cidadania, classe social e status. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. p. 57-114.

MEDEIROS, Magno. Subcidadania nas esteiras do jornalismo convencional. Texto Apresentado no 11º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (JPJor). Brasília: 2013.

Organização das Voluntárias de Goiás. <http://www.ovg.org.br/post/ver/164116/restaurante-cidadao>

PAIVA, Raquel e SODRÉ, Muniz. Afeto e mobilidade nas megacidades: o comum e as alternativas de comunicação. In: BARBOSA, Marialva e MORAIS, Osvaldo J. de. (Orgs). Comunicação em tempos de redes sociais. São Paulo: Intercom: 2013.

PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla B. (Orgs.) História da Cidadania. São Paulo: Contexto, 2003.

RODRIGUES, Adriano Duarte. A rua, analisador da sociabilidade. Texto apresentado no Colóquio Pentágono IV do CISECS, em Japaratinga, em Outubro de 2013.

SODRÉ, Muniz. O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil. Petrópolis/RJ: Vozes, 1984.

_____. Antropológica do Espelho: Uma teoria da comunicação linear em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. O trânsito da cultura à educação. In: COUTINHO, Eduardo Granja e MAINIERI, Tiago (Orgs.) Falas da História: Comunicação alternativa e identidade cultural. Goiânia: Facomb/UFG, 2013.

SOUZA, Jessé. A Construção Social da Subcidadania: Para uma Sociologia Política da Modernidade Periférica. Editora UFMG. Belo Horizonte. 2003.

SOUZA, Jorge Pedro. Quem tem medo da pesquisa empírica? Seguramente, não os pesquisadores portugueses em jornalismo. In: Quem tem medo da pesquisa empírica. BARBOSA, Marialva. MORAIS, Osvaldo J. São Paulo: Intercom, 2011. p. 305 a 321.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. TONDATO, Marcia Perencin. *Mídia e Cidadania: Uma Relação na Perspectiva Histórica*. In: *Inter-Ação*. Goiânia: UFG, 2009. p. 75 a 88.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. TONDATO, Marcia Perencin. TUZZO, Simone Antoniaci. *Mulheres do sol e da lua: a televisão e a mulher no trabalho*. Goiânia: PUC Goiás, 2012.

TRIGO, Salvato. *Ciências empíricas: método, mutabilidade teórica e nova gramática da comunicação científica*. In: *Quem tem medo da pesquisa empírica*. BARBOSA, Marialva. MORAIS, Osvaldo J. São Paulo: Intercom, 2011. p. 283 a 303.

TUZZO, Simone Antoniaci. *Deslumbramento Coletivo: Opinião Pública, Mídia e Universidade*. São Paulo: Annablume, 2005.

TUZZO, Simone Antoniaci. *O lado Sub da Cidadania a partir de uma leitura crítica da Mídia*. In: PAIVA, Raquel e TUZZO, Simone Antoniaci. *Comunidade, mídia e cidade: Possibilidades comunitárias na cidade hoje*. UFG/FIC. Goiânia: 2014.